



DE MINAS PARA O MUNDO: A MÚSICA DO CLUBE DA ESQUINA¹

Daniel de Aguiar Ottoni²

Stefânia Antonaci Alves³

Ursula Renata Nogueira dos Santos⁴

Angela de Moura⁵

Centro Universitário de Belo Horizonte, Uni-BH, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Este trabalho aborda a história do Clube da Esquina, um dos movimentos de referência da MPB. Criado em Minas Gerais, nos anos 1960, o “Clube” transcendeu barreiras musicais e sociais, transportando ao mundo, na voz de seus integrantes, desejos de uma época de opressão e, mesmo assim, esperançosa. A esperança estava em cada verso, em cada acorde, em cada canção.

PALAVRAS-CHAVE: MPB; documentário em áudio; música mineira; movimentos culturais; Clube da esquina

1 INTRODUÇÃO

A Música Popular Brasileira (MPB) foi de uma qualidade ímpar nos anos 1960 e 1970. Grupos como *Os Mutantes* e *Secos e Molhados* e movimentos como o *Tropicalismo* transformaram a juventude brasileira e, ao mesmo tempo, traduziram todo o espírito revolucionário de uma época, marcada por um contexto de liberdade, contestação e novas propostas culturais em níveis mundiais, principalmente nos Estados Unidos e na Europa.

Os temas mais discutidos no período davam origem às canções dos músicos, considerados cabeças pensantes da sociedade brasileira, com conhecimento cultural, artístico e político. No Brasil, a música popular brasileira foi relevante para o início de uma conscientização política e social de grande parte da população, que parecia carecer de referências que provocassem algum tipo de mudança e contestação, sobretudo no cenário econômico e

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em áudio.

² Estudante do 6º. Período do Curso de Jornalismo, e-mail: d.ottoni@gmail.com

³ Aluna líder do grupo e estudante do 7º. Período do Curso de Jornalismo, e-mail: stefianantonacci@gmail.com

⁴ Estudante do 7º. Período do Curso de Jornalismo, e-mail: ursula@itatiaia.com.br

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, e-mail: amoura@uai.com.br



político da América Latina. “A meta principal era articular a expressão de uma consciência nacional, politicamente orientada para a emancipação da nação, cujo sujeito político difuso, o povo, seria carente de expressão cultural” (NAPOLITANO, 1999, p. 20). Assim, a articulação de uma nova consciência era despertada, novos debates eram propostos e a música como forma de expressão ganhava fundamental importância no panorama cultural. “Esta cultura política acabou por imprimir traços básicos nos campos de expressão artístico-cultural que informaram boa parte dos conteúdos da indústria cultural brasileira” (NAPOLITANO, 1999, p. 21).

O autor destaca que a MPB naquelas décadas era marcada por conflitos de vários estilos, materiais e técnicas, com indiscutível qualidade sonora das obras, influenciando bastante o comportamento da juventude. “A sigla MPB não indicava só um gênero musical específico, mas também um conjunto de valores estéticos e ideológicos e uma hierarquia de apreciação e julgamento flexível, porém reconhecível” (NAPOLITANO, 1999, p. 23).

Em Belo Horizonte, também começava a surgir o que seria uma revolução na música popular brasileira. Jovens que tinham experiência no campo musical em suas vidas desde muito cedo realizariam parcerias e obras que ficariam marcadas para sempre na rica e extensa produção da música nacional. O que era para ser somente um passatempo, uma reunião entre jovens para tocar música e trocar ideias, se transformou em um dos maiores fenômenos da MPB.

O Clube da Esquina surgiu nos anos 1960 e um dos fatores mais importantes para o começo desta história é a chegada de Milton Nascimento à Belo Horizonte, vindo de Três Pontas, cidade localizada no Sul de Minas. O tímido datilógrafo tinha como sonho ser músico e o contato com outros jovens interessados em música deu origem ao Clube da Esquina. Para Cybelle Tedesco,

Olhar a história da MPB brasileira nos anos 1970 significa, antes de tudo, debruçar-se sobre a música que saiu lá de Minas Gerais, criada por um grupo de jovens, tendo à frente um cantor, com um timbre de voz especial: Milton Nascimento (TEDESCO, 2001, p. 36).

Os encontros aconteciam na esquina das ruas Divinópolis e Paraisópolis – daí a origem do nome Clube da Esquina - no tradicional bairro de Santa Tereza, localizado na região leste de Belo Horizonte. Ali, os amigos, entre eles vários integrantes da família Borges, se



reuniam de forma descompromissada, apesar de existir uma mistura de carisma, talento e qualidade nas produções criadas.

Assim que se mudou para o Edifício Levy, no centro de Belo Horizonte, Márcio Borges e Milton Nascimento, carinhosamente chamado de Bituca, se conheceram. Milton, rapidamente, se tornou o décimo segundo integrante da família Borges. A dupla formou uma das parcerias mais significativas do Clube da Esquina, além de Márcio, Marílton e Lô Borges, Beto Guedes, Tavinho Moura, Toninho Horta, Cláudio Venturini e tantos outros que fizeram do clube uma referência para músicos de várias gerações.

A harmonia e os acordes diferenciados criaram a chamada “música mineira”, conforme destacam Ana Paula Valois e Daniela Maciel: “Marcada pela harmonia, a música produzida em Belo Horizonte, naquela época, chegou a ser definida como ‘música mineira’, fortemente influenciados pelo jazz e pelos Beatles” (VALOIS e MACIEL, 1999, p. 5).

Inspirado pelo quarteto de Liverpool, Lô Borges formou a banda The Beavers.

Os motivos de suas canções giravam em torno de viagem, drogas, crítica política, liberdade e juventude, através de elaboradas metáforas em um tom bastante lírico, impregnado do estilo do rock progressivo inglês e de elementos da música dos Beatles, com marcante presença de falsetes e canções a duas vozes (TEDESCO, 2001, p. 37).

Um dos principais fatores que levaram ao aparecimento e ascensão do Clube da Esquina foi a experiência e o conhecimento que muitos integrantes possuíam em despertar uma vontade de mudança, atraindo a atenção das pessoas sobre fatos do cotidiano que passavam despercebidos. “Os músicos da MPB absorviam os termos do debate mais amplo em jogo, pois não só eram, em sua maioria, oriundos dos segmentos sociais atuantes (como os estudantes, por exemplo), como se dirigiam, preferencialmente, ao público mais intelectualizado” (NAPOLITANO, 1999, p. 23).

De certa forma, os compositores e integrantes do Clube da Esquina transformavam suas experiências em versos poéticos permitindo, assim, uma visão aproximada da capital mineira das décadas de 60 e 70. As canções produzidas pelo grupo tinham um olhar particular da cidade. “Longe de ser considerada uma simples extensão dos desejos



provados, o espaço urbano foi cantado pelos compositores como o lugar próprio para a construção do mundo a todos os seus habitantes” (MARTINS, 2009, p. 20).

Em relação ao Clube da Esquina, o combate à censura proposto pela ditadura não era tão explícito, mas estava ali, presente. As letras tinham caráter mais intimista e voltavam-se para as práticas do cotidiano, como observa Cybelle Tedesco:

A complexidade das metáforas e a abordagem da sua multiplicidade de significados, contidas nas letras das canções, não são unicamente de caráter político, com o objetivo de burlar a censura – mas são também representantes de um estilo poético e um modo de identidade juvenil, o que caracterizaria as tribos da contracultura (TEDESCO, 2001, p. 43).

Esse conteúdo das letras pode ser observado na música Clube da Esquina, de Milton Nascimento, Lô e Márcio Borges:

Noite chegou outra vez, de novo na esquina. Os homens estão todos, se acham imortais. Dividem a noite, e lua e até solidão. Neste clube, a gente sozinha se vê pela última vez. À espera do dia, naquela calçada. Fugindo de outro lugar perto da noite estou. O rumo encontro nas pedras. Encontro de vez um grande país. Eu espero, espero do fundo da noite chegar. Mas agora eu quero tomar suas mãos. Vou buscá-la aonde for. Venha até a esquina.

No entanto, como em qualquer outro movimento, preferências existem e, apesar da qualidade, as vendas não eram condizentes com a representatividade do clube. Mas, a produção elevou bastante o nome da MPB e agregou um novo valor no estilo, possibilitando uma disseminação da forma de viver em Minas Gerais para outros lugares do país, principalmente pelo fato de alguns integrantes participarem de concursos e festivais de música que eram transmitidos pela televisão. As fronteiras foram transpostas para bem além de Minas Gerais.

Naquela época, uma ebulição de novidades e manifestações culturais tomava conta de Belo Horizonte. Martins (2009) descreve que, apesar do clima conservador que prevalecia na cidade, havia “uma forte efervescência cultural, espalhada por teatros, cineclubes,



tradicionais bares noturnos da região central e demais locais de sociabilidade urbana, nos quais a juventude travava contato com o mundo” (p. 26).

O Clube da Esquina pode ser considerado uma das portas de entrada de Minas para o mundo, uma vez que, com o tempo, o movimento que era formado por um grupo extremamente heterogêneo, que somava influências musicais, foi se desagregando e alguns se projetaram no mercado musical dos Estados Unidos e Europa.

2 OBJETIVO

Esta produção acadêmica pretende relatar a história do Clube da Esquina, demarcando importantes momentos do movimento, como sua criação, o contexto da época, as influências, as conversas, casos e sonhos dos integrantes. A intenção é promover um resgate histórico, a fim de documentar uma fase tão significativa para a Música Popular Brasileira.

Mais que documentar de forma poética o contexto social, cultural e político vivido na época, analisar o sentido histórico de todo o trabalho dos integrantes do Clube da Esquina é caracterizá-los como estrangeiros diante de uma situação vivida, mas com um olhar de um “viver comum”.

Para melhor balizar o seu olhar, assim como as experiências que serão relatadas em suas canções, espécies de “relatos de viagens”, os compositores do Clube da Esquina destacaram seu lugar de cidadão, de “homem da cidade”, para assumir a perspectiva do estrangeiro embarcando em um tempo distinto, o “tempo da viagem” (MARTINS, 2009, p. 20 e 21).

Sendo assim, o que se busca é a concepção de um produto que possa conter informações e depoimentos importantes e pouco conhecidos, a fim de mostrar a história do Clube da Esquina, o contexto da época, as influências que interferiam nos trabalhos e a realidade dos integrantes, que até hoje continuam presentes no meio da música.



3 JUSTIFICATIVA

Muitas pessoas, principalmente as mais jovens, conhecem pouco da história do Clube da Esquina, que merece ser valorizada, divulgada e preservada pelos apreciadores de música de qualidade, sobretudo considerando que o que acontece hoje é reflexo do que ocorreu no passado.

A importância do Clube da Esquina e, principalmente, de alguns dos integrantes para o cenário da MPB no Brasil justifica a criação de produtos comunicativos que tenham por objetivo esclarecer sobre sua formação, identidade e história.

A intenção é aproveitar a memória ainda viva em cada um dos integrantes do movimento para buscar na própria essência os valores para a construção do estilo musical que influenciaria nos dias de hoje a música popular brasileira.

Apesar de o Clube da Esquina ter gravado apenas dois discos, o conteúdo produzido e a carga emocional de cada letra, acorde e voz se traduzem em um significativo acervo de estudo e pesquisa para a academia.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a realização do trabalho, foram feitas pesquisas em sites que continham informações, vídeos, áudios e depoimentos de integrantes do Clube da Esquina.

A partir do material obtido, realizou-se uma seleção e roteirizou-se o que seria abordado nas entrevistas a serem agendadas. Além disso, contatos foram feitos com pessoas ligadas ao movimento e também músicos que fizeram parte de todo o processo de criação e produção para saber como era o contexto sócio-histórico da época.

A seleção dos participantes foi realizada de acordo com sua importância e vivência direta com o movimento. No entanto, não se desconsiderou nenhum possível contato, uma vez que qualquer integrante seria de extrema importância, por estar envolvido com outros



músicos da época, oferecendo a possibilidade de relatar casos e rememorar histórias marcantes que fazem parte da sua lembrança, mas que auxiliam na compreensão da forma de pensamento e a complexidade ideológica do movimento.

Todas as entrevistas foram feitas pessoalmente, tendo como ambientação os bares da capital, a fim de se criar um ambiente sonoro que remetesse ao universo significativo dos lugares sociais em que o movimento iniciou.

O material foi gravado e editado, tendo como base um roteiro que buscou intercalar o texto do locutor e as sonoras dos entrevistados, considerando as técnicas de produção de um documentário em áudio.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O documentário em áudio do Clube da Esquina se constitui em uma produção de 17 minutos, com informações obtidas em pesquisa bibliográfica e entrevista com representantes e amigos próximos dos músicos que integram o movimento, com caráter documental, em que se procura reconstruir o ambiente da época e remontar a história do movimento musical.

Além disso, o programa possui depoimentos de integrantes do movimento e de pessoas que viveram com alguns destes, a fim de propiciar um contexto da época, articulando e demarcando para o público quais eram seus costumes, desejos, valores e ideologias.

A produção é ilustrada com as principais trilhas que compõem o acervo musical do Clube da Esquina.

6 CONSIDERAÇÕES

O que se espera é que este trabalho se categorize como uma homenagem e uma pequena contribuição à história do Clube da Esquina. O movimento, com certeza, será continuamente lembrado por muitos e parte-se do princípio de que os ouvintes de rádio,



além de apreciarem músicas de qualidade e programas informativos e de entretenimento, buscam na mídia radiofônica também uma forma de conhecer melhor sua cultura e seu passado.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Márcio. **Os sonhos não envelhecem**: Histórias do Clube da Esquina. São Paulo: Geração Editora. 5ª edição, 2009.

MARTINS, Bruno Viveiros. **Som Imaginário**: A reinvenção da cidade nas canções do Clube da Esquina. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1ª edição, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. **O Conceito de MPB nos anos 60**. Revista História: Questões e Debates, 1999, volume 16, nº 31, páginas 19 a 30.

TEDESCO, Cybelle. **Clube da Esquina**: aspectos da canção popular brasileira nos anos 70. Revista Ideias e Argumentos, 2001, volume 2, nº 4, páginas 36 a 53.

VALOIS, Ana Paula e MACIEL, Daniela. **Sonhos feitos de brisas**. Revista laboratorial Múltipla, 1999, número 14, páginas 4 a 6.